

## **Síntese do Seminário Internacional “Igualdade e Interculturalidade”**

O Seminário “Igualdade e Interculturalidade”, realizado no âmbito da Rede de Apoio a Migrantes no Alto Minho estruturou-se em dois Painéis conhecidos por todos os presentes e os seus títulos não foram escolhidos por acaso:

*Políticas Públicas e Integração: cidadania mais igual;*

*Dinâmicas territoriais de integração de migrantes: cultivar a diversidade.*

Nestes dois Painéis tivemos a articulação entre Política Nacional e Política Local e esta articulação é fundamental para uma integração bem sucedida. Integração entendida na sua multidimensionalidade, complexidade e reciprocidade. E conceito de política entendido como o defino, englobando a elaboração legislativa, as condições materiais e humanas para a sua concretização e a apropriação das políticas pelas instituições e actores no terreno.

Porquê Políticas, Estratégias e Planos de Integração de Migrantes?

O Dr. Manuel Batista dizia de manhã: “um país que cresce precisa de gente”. E a Dra. Ana Monteiro referia a necessidade de “criar condições de permanência”.

Porquê? Porque chegam pessoas e não robôs. Pessoas com culturas diferentes das quais emerge o “medo do outro”, como referiu o meu colega Manuel Cunha. O medo emerge do que é estranho. O medo e a estranheza podem ser transformadores ou não. Depende do que fazemos com essa estranheza. Se entranhamos ou segregamos o diferente.

A diferença está cheia de vulnerabilidades, nomeadamente financeiras e materiais, que por sua vez fragilizam psicologicamente. Daí a importância de Estratégias como a Estratégia Nacional Combate à Pobreza de que nos falou a Dra. Sandra Araújo e dos seus objectivos, nomeadamente de redução da taxa de pobreza e da disparidade da taxa de pobreza dos diferentes territórios, potenciando a coesão social. Não uma coesão para a subordinação, mas uma coesão para a emancipação dos actores sociais nos eu conjunto.

E voltamos, agora, aos subtítulos dos Painéis: “cidadania mais igual”, “cultivar a diversidade”.

“Cidadania mais igual” significa criar as condições para que o exercício dos direitos de cidadania seja possível: aceder e exercer os direitos civis, políticos e sociais, sabendo que quando os imigrantes chegam são os direitos sociais de cidadania que mais lhes interessam: saúde, educação, condições materiais de existência. Quando estes direitos estão adquiridos, os outros emergem com acuidade.

“Cultivar a diversidade” remete para o plano da ética, nomeadamente para o que chamo de micro-ética. É ética do cuidar de que falava, no fundo, a Dra. Carlota relativamente ao trabalho que o município de Viana do Castelo vem desenvolvendo.

Este trabalho de articulação entre Política Nacional e Política Local, entre instituições e actores é construtora de coesão social. Não uma coesão para a hierarquização dos seres humanos, mas uma coesão para a dignidade.

E esta dignidade assenta, na minha perspectiva, na redistribuição económica para uma vida com qualidade; no reconhecimento cultural (a não inferioridade cultural e a desinstitucionalização da norma normativa), na paridade de participação na esfera pública (ter voz no sentido de ser escutado). Ou seja, a tridimensionalidade da justiça de que nos fala Nancy Fraser.

Foi sobre tudo isto que se reflectiu aqui hoje com os rostos das instituições e os construtores de múltiplas redes para a dignidade humana.

Muito obrigada.

Maria José Casa-Nova

Instituto de Educação, Universidade do Minho